

A cobertura do Estadão nas manifestações de 13 e 15 de março: uma análise crítica de discurso¹

Daniel Affonso Montandon POMPEU²

Pedro Vitor Alves SILVA³

Thalita de Araujo MEDEIROS⁴

Ygor Teodoro RODRIGUES⁵

Sandra Sueli Garcia de SOUSA⁶

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o discurso presente nas principais reportagens factuais sobre as manifestações do dia 13 e 15 de março de 2015. Para isso, abordaremos as especificidades do jornalismo na web, da história do Estado de S. Paulo, as manifestações e suas semelhanças com o cenário político de 1964. Para a efetivação da análise crítica, utilizaremos os conceitos de Análise Crítica de Discurso do professor inglês Norman Fairclough (2005).

Palavras-chave: análise de discurso; Estadão; manifestações; webjornalismo.

1. Introdução

As manifestações sociais colaboram com a dinâmica da política da sociedade, uma vez que, os indivíduos estabelecem condutas coletivas por objetivos em comum. Para Castells (2007, p. 249) *apud* Cardoso e Di Fátima (2013, p. 148), as manifestações “são ações propositais e coletivas destinadas a mudar os valores e interesses institucionalizados na sociedade, o que é equivalente a modificar as relações de poder”.

¹ Trabalho apresentado no IJ05 – Rádio, TV e Internet,, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo - UFU, email: danpomp@gmail.com

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo - UFU, email: thalita.amedeiros@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo - UFU, email: peedrovitor@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo - UFU, email: ytrodrigues@hotmail.com

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFU, email: sandragarc@gmail.com

Geralmente, as manifestações se dão por causas políticas, econômicas ou sociais. No Brasil, no período da República Velha, já contávamos com movimentos populares que marcaram a história do país, comumente, todos por motivos políticos. Podemos citar como as principais: Revolta da vacina, de 10 a 16 de novembro de 1904; Greves operárias do início do século 20; Intentona Comunista de novembro de 1935; Passeata dos 100 mil, 16 de junho de 1968, no Rio de Janeiro; Comícios das Diretas Já (1984); Impeachment de Collor (1992) e a mais atual: as manifestações de junho de 2013⁷.

Atualmente, os meios de comunicação contribuem de forma bastante significativa para os movimentos populares. Por meio das redes sociais eles são propagados e ganham uma maior visibilidade, fazendo com que o assunto fique sempre em voga. Além disso, jornais, revistas, rádio, televisão e portais *online*, além de também darem visibilidade e informar, podem ajudar na construção de uma imagem negativa ou positiva para as manifestações, fazendo com que elas sejam bem vistas e assim ganhem força, ou não, uma vez que estes veículos podem ser considerados portadores de credibilidade, e por isso possuem grande influência.

as matérias jornalísticas veiculadas pela grande mídia, de forma geral, ocupam importante papel de fixar os significados e construir, através de suas representações, discursos que apelam à ordem e a um recorte ideológicas da realidade, fartamente praticado pela Indústria Cultural em suas estratégias hegemônicas e mercadológicas. (ENNE, 2013, p.183)

A partir de duas matérias sobre as manifestações ocorridas nos dias 13 e 15 de março (a primeira, que objetivou a luta pelos direitos da classe trabalhadora, pela Petrobrás, pela Democracia e pela reforma política e a segunda em que manifestantes insatisfeitos com o atual governo, pediam o impeachment da presidente Dilma Rousseff). Estas veiculadas no portal do Estadão, o presente trabalho irá analisar a forma como as mesmas foram representadas. Para isso, foram escolhidas, dentre as diversas notícias publicadas, duas que trataram de forma abrangente estes acontecimentos, que tiveram semelhança com os protestos ocorridos em 1964. Para tal análise, utilizaremos como método a concepção de Análise Crítica do Discurso do professor inglês Norman Fairclough (2005), uma vez que até mesmo em notícias factuais, o discurso aparece como reflexo dos indivíduos e seus contextos/meios. Além disso, teremos uma breve abordagem sobre o jornalismo

⁷ Disponível em <http://goo.gl/kLO7Aq>.

online; o portal Estadão; as manifestações e as coberturas das manifestações de 13 e 15 de março com suas respectivas análises.

2. O jornalismo na era digital

Com os avanços tecnológicos, o surgimento da Internet, e a evolução do uso da plataforma, os jornais se adaptaram e criaram novas formas para entrar e adequar-se ao mundo digital. O jornalismo na Web surgiu em três formas, não cronologias, de acordo com a teoria defendida por Mielniczuk (2001). A primeira forma é a reprodução do jornal impresso na plataforma online, sendo atualizado todo dia, o que se vê na Internet é o que se vê na versão impressa, ou seja, apenas uma reprodução. Na segunda forma, os jornais da Web utilizam os recursos disponibilizados pela plataforma, como link que levam de uma página a outra. Por fim na terceira forma, o jornalismo online utiliza da interatividade, a customização do conteúdo e produtos multimídia como vídeos, áudios, infográficos animados, e a hipertextualidade.

Com o surgimento dos jornais na Web, foi questionado se os impressos não seriam extintos. Porém, defendem-se que os dois se complementam, sendo que existem públicos para as duas formas de jornalismo. Os que exploram a Internet, que possuem foco ao buscar pela informação. E os que lêem informações em meios impressos, que buscam elementos selecionados, analisados, e pautados para virarem notícia e chamarem atenção do público.

Um bom jornal tanto virtual como impresso pensa primeiro no usuário, aquele que vai ler a notícia. Deve-se pensar sempre no conforto do leitor ao percorrer a página, por isso deve-se pensar na tipografia, no entrelinhamento no contraste de cores etc. (SMANIOTTO, 2011)

Na construção de um jornal, a capa é o elemento mais importante, sendo que é ela que chama atenção e pode definir se alguém vai ou não comprar. Nela encontram-se um destaque na matéria principal, e chamadas que direcionam as páginas que estão localizadas notícias, colunas e outras informações. Garcia (2002) compara a capa dos jornais impressos com páginas de jornais online: quando bem construído a capa tem a mesma função dos hiperlinks na Web, sendo que a capa possibilita encontrar no jornal a matéria que o leitor está interessado. Garcia considera que a Internet “copiou” esse fator dos jornais. Onde as páginas iniciais de jornais online mostram uma ou mais notícias em destaque, e outras

matérias em menor escala, onde o leitor basta clicar no qual se interessa, que a plataforma o encaminha direto ao texto.

[...] os sites dos principais jornais do Brasil transformaram-se em portais, oferecendo outros produtos principalmente baseados no entretenimento, como fator de atração do leitor de Internet, mais difícil de ser chamado para um foco específico diante de tantas opções de informações que circulam na rede. (BARBOSA *apud* MACIEL, 2001)

3. O jornalismo no Estadão

O Estado de S. Paulo é o jornal, com vida, mais antigo do Brasil, com 140 anos de existência. Fundado em janeiro de 1875 com o nome Província de S. Paulo, com base nos ideais republicanos. Em março do ano 2000 os sites da Agência Estado: O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde se fundiram para a formação do portal Estadao.com.br. O jornal defende um posicionamento de convergência entre as plataformas impresso e online.

O jornalismo impresso começa a se redesenhar para um futuro promissor. Em que a chave está na convergência cada vez maior com o mundo digital. Apesar de nos últimos anos ter virado moda prever o fim dos jornais, especialistas são uníssomos com um produto mais analítico e sofisticado, o prognóstico é de vida longa e saudável. “Os jornais são detentores do conteúdo de alta qualidade”, justifica Christopher Riess, chefe do grupo executivo da Associação Mundial de Jornais (WAN – Ifra). (O ESTADO DE S. PAULO, 14 de março de 2010)

4. Contextualização das manifestações

Na contemporaneidade as interações são feitas através das mídias sociais, mais especificamente através do Facebook. Essas interações consideradas híbridas (THOMPSON, 1995) são novas formas de se comunicar, sendo esta última uma das características do ciberespaço. Segundo Silva e Sousa esse espaço na internet é “um ambiente que se encontra a possibilidade de navegação de modo virtual e transcendental” (SILVA; SOUSA, 2014 *apud* GIBSON, 2003).

Através disso, se tem na atualidade a criação de eventos no Facebook, sendo que muitas das vezes tem como finalidade o convite para festas. Porém, essa ferramenta é também usada como organização e convocações para manifestações, o que após o ato de Julho de 2013, acabou por ser uma ação bem comum nessa mídia social em questão.

Em Março de 2015 dois desses convites para manifestações ocorreram na mesma época, um no dia 13, que ficou conhecido como “Ato Nacional em defesa da Petrobras, dos Direitos e da Reforma Política”⁸, convocado pela CUT (Central Única dos Trabalhadores), UNE (União Nacional dos Estudantes) e MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra). E o outro no dia 15, uma passeata que pedia o impeachment de Dilma Rousseff⁹. Buscando um contexto histórico, percebe-se que essas ações pareceram recorrente ao que já havia ocorrido em 1964, o “Comício da Central”, e “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”.

4.1 13 de março

As manifestações ocorreram em 21 estados e no Distrito Federal, o ato foi em resposta ao que iria ocorrer dois dias depois. O protesto teve como objetivo a luta pelos direitos da classe trabalhadora, pela Petrobrás, pela Democracia e pela reforma política, segundo o site da CUT e o evento oficial no Facebook¹⁰, sendo que na descrição desse último os autores citavam:

estamos em alerta, mobilizados e organizados, prontos para ir às ruas de todo o país defender a democracia e os interesses da classe trabalhadora e da sociedade sempre que afrontarem a liberdade e ataquem os direitos dos/as trabalhadores/as.¹¹

Com base nos dados fornecidos pela Polícia Militar, o ato reuniu, em São Paulo, por volta de 12 mil pessoas, já a organização afirmou que esse número às 17 horas era de 100 mil manifestantes¹². No Rio de Janeiro um grupo de manifestante se reuniram em frente à sede da Petrobras e ali soltaram fogos de artifícios, enquanto, segundo a PM, por volta de 1500 pessoas seguiram para Cinelândia¹³.

4.2. 15 de março

⁸ Disponível em: <http://goo.gl/ojmlNp> (acesso: 08/07/2015)

⁹ Um dos eventos, disponível em: <https://goo.gl/egLLZz> (acesso: 08/07/2015)

¹⁰ Disponível em: <https://goo.gl/TEWHJR> (acesso: 08/07/2015)

¹¹ Disponível em: <http://goo.gl/FXpgXb> (acesso: 08/07/2015)

¹² Disponível em: <http://goo.gl/dWS2t8> (acesso: 08/07/2015)

¹³ Nome popular da região do entorno da Praça Floriano, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

O ato do dia 15 de março ocorreu em diversos lugares do país; organizado por grupos diferentes, onde pediam a saída da presidente Dilma e com um viés antipetista. Realizada em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal, as manifestações reuniram quase um milhão de pessoas por todo o território nacional. Sendo que o ápice do protesto ocorreu às 16 horas e se concentrou na Avenida Paulista, na capital de São Paulo, que segundo o Datafolha estavam presente cerca de 188 mil pessoas.¹⁴

Em Brasília o protesto ocorreu em frente ao Congresso Nacional, reunindo cerca de 40 mil pessoas, segundo a Polícia Militar. Já no Rio de Janeiro, segundo os organizadores, houve uma estimativa de 50 mil pessoas no dia.

4.3. 2015 E 1964

Estrategicamente o protesto de 13 de março de 2015 ocorreu no mesmo dia que o “Comício da Central”, realizado na região central do Rio de Janeiro, onde João Goulart realizou o comício como forma de defender as reformas de base propostas por seu governo. Na época um grupo de sindicalistas comunistas e trabalhistas tomaram a frente da organização do evento.

Em resposta esse ato, a essa suposta ameaça comunista, ocorreu no dia 19 de março de 1964 a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. Essa passeata “corporificou esta reação indicando que, para uma soma expressiva de brasileiros, a defesa da legalidade constitucional não estava mais nas mãos do governo” (MENDES, 2004, p.1).

Partindo disso, temos a comparação entre 64 e as manifestações ocorridas em 2015. Primeiramente pelo fato das duas manifestações, de ambos os anos, terem sido realizadas bem próximas uma da outra; depois pelo fato de uma manifestação ter gerado a outra, além por ser duas correntes políticas diferentes, seja no século XX, seja no século XXI.

5. Análise crítica do discurso (ACD)

O enunciado, na concepção de Mikhail Bakhtin, é muito mais do que apenas um conceito gramático e vai além do signo ou código linguístico, o enunciado é um

¹⁴ Disponível em: <http://goo.gl/0CqVxp> (acesso: 08/07/2015)

acontecimento e necessita do enunciador e do receptor, através dos dois forma-se a comunicação (GOMES *apud* BAKHTIN). Neste processo, estão implícitas inúmeras variáveis, como a história dos indivíduos, a educação, a localização, a cultura e etc. Um enunciado é único e singular em sua própria existência. E é por essa polissemia que um enunciado acaba refletindo diferentes discursos dentro de uma estrutura de poder capitalista. No caso deste trabalho, esse conceito se aplica na análise do conteúdo do Estadão, pois mesmo notícias, artigos de opinião ou charges carregam em sua construção enunciados advindos de seus produtores e de seu meio.

No presente artigo, utilizaremos como método a concepção de Análise Crítica do Discurso do professor inglês Norman Fairclough. Como parte do processo de construção social, o autor considera a língua um elemento fundamental que reflete os diferentes discursos presentes na sociedade. Seja por imagens, textos e até mesmo linguagem corporal, os posicionamentos ficam implícitos nas diferentes manifestações sócio-culturais.

A semiose trata-se do conceito de que todo processo semiótico produz uma resposta e um estímulo a partir dos envolvidos. Dentro de uma redação, a semiose é tudo aquilo presente do contexto de cada redator, que transpassa o indivíduo para aquilo que é produzido por este. Fairclough acredita que, dentro do âmbito da ACD, a semiose é parte irreduzível dos processos sociais materiais. Segundo o autor,

Vemos a vida social como uma rede interconectada de práticas sociais de diversos tipos (econômicas, políticas, culturais, entre outras), todas com um elemento semiótico. A concepção de práticas sociais no permite combinar as perspectivas de estrutura e de ação – uma prática é, por um lado, uma maneira relativamente permanente de agir na sociedade, determinada por sua posição dentro da rede de práticas estruturada; e, por outro, um domínio de ação social e interação que reproduz estruturas, podendo transformá-las. Todas são práticas de produção, arenas dentro das quais a vida social é produzida, seja ela econômica, política, cultural, ou cotidiana. (FAIRCLOUGH, 2005, p.308)

Como análise, a ACD utilizada neste artigo utilizará a estrutura proposta por Fairclough, que inclui “dar ênfase em um problema social que tenha um aspecto semiótico; identificar obstáculos para que esse problema seja resolvido; considerar se a ordem social (a rede de práticas) em algum sentido é um problema ou não; identificar maneiras possíveis para superar os obstáculos; refletir criticamente sobre a análise” (Fairclough, 2005).

6. Análises das reportagens

Levando em consideração o número de comentários e visibilidade de cada matéria, escolhemos por analisar a reportagem “Atos convocados por centrais sindicais reúnem milhares de pessoas pelo País”¹⁵ para representar a cobertura do dia 13 e a reportagem “Manifestações contra Dilma levam multidão às ruas do País”¹⁶ como cobertura do dia 15.

6.1. Cobertura do dia 13

A primeira marca discursiva que pudemos observar foi a colocação da manifestação como dicotômica em relação àquela marcada para dois dias mais tarde. Já no lead isso é deixado claro com o trecho “A dois dias dos protestos contrários ao governo[...]”. É interessante notar que isso se deu em um contexto de forte polarização política no país, quando as eleições presidenciais (extremamente acirradas entre Aécio Neves e Dilma Rousseff) haviam acabado de acontecer. Essa lógica reforça e reflete a “escolha de lados”.

Através, por exemplo, da fala escolhida do presidente da CUT, Vagner Freitas, “Somos contra a corrupção. Corrupto tem que ser preso. Agora, não vamos quebrar a Petrobras. Não podemos, com um discurso de ser contra a corrupção, preparar a empresa para a privatização. É isso que queremos alertar a população brasileira”, o jornal dá o tom sobre as ressalvas dos movimentos com a corrupção existente no governo, deixando claro que o apoio ao governo federal não é incondicional e tem ressalvas. Isso é reforçado ao final da reportagem, com a fala do dirigente do MST, Jaime Amorim, “Também temos críticas ao governo em relação às perdas dos trabalhadores”. A matéria, em sua construção, transparece de modo constante que apesar dos movimentos defenderem a manutenção de Dilma no poder, o que é relacionado à “defesa da democracia”, traz logo em seguida ressalvas feitas pelas lideranças com relação à corrupção e principalmente às medidas impopulares do governo, que vão em sentido oposto às pautas trabalhistas daquelas pessoas. Esse “paradoxo” e contradição da defesa de um governo que toma medidas neoliberais é explorado em profundidade pela escolha das falas de fontes e temáticas a serem abordadas durante o texto.

¹⁵ Disponível em <http://goo.gl/d3pdRi>.

¹⁶ Disponível em <http://goo.gl/XFL69H>.

Em certo momento, a manifestação que ocorreu em Recife recebe destaque para as “bandeiras vermelhas”. O uso dessa caracterização de cunho semiótico procura associar os manifestantes a esquerda, às pautas trabalhistas.

6.2. Cobertura do dia 15

Na segunda cobertura, palavras como “multidão”, a comparação quantitativa com as diretas já: “É o meio protesto político no Brasil desde as Diretas Já”, uso de infográficos e grande abordagem dos números divulgados nas diferentes regiões do país por diversas instituições deixa claro que a matéria tem seu foco no número de manifestantes presentes no evento.

Sobre a reação do governo federal, a reportagem caracteriza como “surpresa”, o que reflete o enaltecimento dos números fornecidos pela Polícia Militar, exaustivamente tratados no texto.

Quando a reportagem fala sobre intervenção militar, destaca que uma minoria foi suporte da reivindicação. O distanciamento do jornal da pauta pode ser percebido quando fala-se dos cartazes presentes, “[...]cartazes pedindo impeachment, renúncia da presidente e até mesmo intervenção militar.” A expressão “até mesmo” configura uma característica exótica, anormal à pauta de intervenção militar.

O grande número de estatísticas toma o lugar de fala de fontes que poderiam ser entrevistadas, como lideranças do movimento. Não há nenhuma citação entre aspas. Há maior caráter factual da reportagem, com menor viés interpretativo, mas com igualmente ou mais relevância de público que a reportagem sobre o dia 13.

7. CONCLUSÃO

Percebe-se que o portal online do Estadão deu uma ênfase maior na manifestação que pedia o impeachment da presidente Dilma, o que já era de se esperar, apesar de ter sido falho, pois teve ausência de fontes. O que em contrapartida buscou ressaltar uma carga de número, além de ressaltar algumas vezes que o ato foi o maior da história do país. Naturalmente, o grande número de pessoas no evento tem grande peso político e jornalístico, mas as pautas e peculiaridades da manifestação poderiam ter sido melhor exploradas através de lideranças e participantes. É, até pertinente, questionar o fato da

reportagem ter tido tão grande destaque apenas através de dados e estatísticas, sem maior viés interpretativo.

Na manifestação do dia 13 se teve, diferentemente da segunda, um número maior de fonte, seja de manifestantes, seja de lideranças da ação. Esta última que não se encontrava no texto do dia 15, pois o evento em si contava com vários organizadores, não centralizado em uma só.

Foi observado, principalmente, a colocação de um fato como polarizado em relação ao outro. O momento político do Brasil se traduz em um grande clima de inflamação radical, a tendência é que se escolha um dos “dois lados” (a favor ou contra o governo), o que é endossado e explorado pelo Estadão nas duas matérias.

Ainda é interessante notar a grande semelhança do cenário político que se formou com relação aos meses antes do golpe militar de 1964. Talvez não por coincidência, o clima de polarização e radicalismo entre dois lados é extremamente marcante. Como se sabe, este clima resultou em um regime ditatorial que durou décadas o século passado. Resta saber se, atualmente, o radicalismo e ódio político acarretará em maiores mudanças estruturais, positivas ou não.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Gustavo; FÁTIMA, Branco. **Movimento em rede e protesto no Brasil. Qual gigante acordou?** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

ENNE, Ana Lucia. **Representações sociais como produtos e processos: embates em torno da construção discursiva da categoria “vândalos” no contexto das manifestações sociais no Rio de Janeiro em 2013.** Revista História e Cultura. Franca, 2013.

FAIRCLOUGH, Norman. **Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica.** Versão para o português: MELO, I. F. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005

GARCIA, Mario. **Pure Design.** Flórida: Miller Media, 2002.

GOMES DE OLIVEIRA, Míria. **Tema e significação: contribuições bakhtinianas para análise crítica dos processos interativos em aulas de leitura de textos shakespearianos.** p. 116-131

MACIEL, Alexandre Zárate; SALES, Clayton Wander Nascimento de. **Mídia impressa e mídia eletrônica na trilha da profundidade. Prosa UNIDERP,** v.3, n.2, dez. 2003, p. 39-51

MIELNICZUK, Luciana. Características e implicações do jornalismo na Web. In: CONGRESSO DA SOPCOM, 2., 2001, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Universidade Lusófona, 2001. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf>. Acesso em: 27 maio de 2010.

MELITO, Leandro. **Há 50 anos, Jango defendia reformas em comício na Central do Brasil.** Disponível em: < <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/03/ha-50-anos-jango-defendia-reformas-em-comicio-na-central-do-brasil/>>. Acesso em: 08 de Julho. 2015.

MENDES, Ricardo. **Visões das direitas no Brasil.** Niteroi, Universidade Federal Fluminense, 2003.

SMANIOTTO, M, C. Jornal impresso X Jornal online: As diferenças e semelhanças do desenho de comunicação visual. **Anais...** VI SEPesq, 2011. Disponível em: <http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi_sepesq/arquivosPDF/27958/2341/com_identificacao/sepesq_artigointerfacedigitais.pdf> Acesso em 10 de junho de 2013

SILVA, C. G. F. da, SOUSA, S. S. G. de. Indivíduas nômades: uma análise do gênero feminino no contexto atual das webrádios universitárias. In: INTERCOM–SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO e XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2015, Uberlândia, MG. **Anais...**Vila Velha, 2014, p. 1-14. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0505-2.pdf>

THOMPSON, John B. *O advento da Interação mediada.* In: **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** RJ: Petróles: Vozes, 1998, 77-107.